

## Se todos os jovens fossem intercambistas um dia, não teríamos guerra: reflexões sobre a tolerância e intercâmbio

THOMÁS GOMES GONÇALVES\*

### Resumo

O presente artigo aborda algumas considerações teóricas a respeito de uma possível intersecção entre a tolerância e programas de intercâmbio cultural realizados por jovens intercambistas de ensino médio no exterior. Entende-se este tema a partir de contribuições psicanalíticas, principalmente as obras freudianas que tratam das questões sociais, para desta maneira promover uma reflexão acerca da possibilidade de enfraquecimento da manifestação do narcisismo das pequenas diferenças em situações em que um jovem passa por uma experiência cultural no exterior. O conviver em outra cultura e com suas respectivas características por um período prolongado pode promover por parte de jovens intercambistas a tolerância e o respeito à diferença.

**Palavras-chave:** narcisismo das pequenas diferenças; intercâmbio cultural; psicanálise.

### Abstract

The present article addresses some theoretical consideration concerning a possible connection between tolerance and cultural exchange programs performed by high school exchange students overseas. This theme is understood from psychoanalytical contributions, mainly those Freudians works related to social issues in order to promote some thoughts on the possibility of fading of narcissism of small differences manifestation. Living in another culture and its characteristics for a long period may promote from these exchange students the tolerance and the respect to the difference.

**Key words:** narcissism of small differences; cultural exchange; psychoanalysis.



\* **THOMÁS GOMES GONÇALVES** Mestrando em Psicologia Clínica no Programa de Pós-graduação em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Situado na Cidade do México, o *Museo Memoria y Tolerancia* leva aqueles que o visitam a uma viagem no tempo, um tempo marcado pela intolerância, pela indiferença e pelos crimes mais violentos cometidos na história recente da humanidade. O percurso do visitante começa pelo holocausto e continua em outras situações de barbárie como os genocídios da Guatemala, Ruanda, Iugoslávia, entre outros. O museu convida os visitantes a poderem refletir sobre aquilo que se mostra interminável: os genocídios são uma marca presente na história e continuam a acontecer. Além disso, o museu possui um objetivo educativo e tem como missão: difundir a importância da tolerância e da diversidade, além de viabilizar uma conscientização por meio da memória histórica, principalmente no que diz respeito aos genocídios e outras atrocidades ocorridas ao longo da história, assim como alertar e conscientizar sobre as consequências maléficas da indiferença, da discriminação e da violência, com o intuito de criar responsabilidade, respeito e consciência em cada sujeito (MUSEO MEMORIA Y TOLERANCIA, 2012). Ao terminar o percurso pelo museu ficam as perguntas: Será possível convivermos com a diversidade e com a diferença que cada um aporta? É possível uma mudança de atitude e, assim, vislumbrar um futuro sem estas marcas de intolerância e indiferença que sujam com sangue a história da humanidade?

Em 2005, em uma conferência ministrada pelo sueco Carl-Wilhelm Stenhammar, Presidente internacional do Rotary Club, para mais de dois mil jovens intercambistas de diversas nações que estavam realizando intercâmbio nos Estados Unidos, ele afirmou: “*Se todos os jovens fossem intercambistas um dia, não teríamos*

*guerra*”. Stenhammar acreditava que a experiência de intercâmbio possibilitava com que um jovem experienciasse vivências de tolerância a outras culturas e costumes, fazendo com que este respeitasse as diferenças entre os povos e promovesse, dessa forma, a paz. (Informação verbal)<sup>1</sup>. Assim, este artigo tem como objetivo refletir, a partir desta frase enunciada por Carl-Wilhelm Stenhammar, sobre a possibilidade de um programa de intercâmbio viabilizar a um jovem a promoção do respeito às diferenças e a tolerância. Para tanto, este artigo se baseará na teoria psicanalítica, pois permite uma melhor compreensão e aprofundamento da complexidade inerente às relações humanas e dos processos subjetivos, sempre levando em consideração a singularidade do sujeito (DOCKHORN; MACEDO, 2008; DOCKHORN, 2010). Para abordar o tema da (in)tolerância, o artigo se baseará em três obras escritas por Sigmund Freud, a saber, O tabu da virgindade (1918/1969), Psicologia das massas e análise do eu (1921/2011) e O mal-estar na civilização (1930/2010), focando-se principalmente na questão do *narcisismo das pequenas diferenças*. Essas obras servirão como base para a hipótese de que o convívio com as diferenças que uma experiência no exterior proporciona faz com que o intercâmbio seja uma possibilidade de enfraquecer e suspender o narcisismo das pequenas diferenças.

### **Tolerância e Psicanálise**

Segundo o Dicionário Houaiss (2001), a palavra “tolerância” diz respeito à característica de certas pessoas de admitir e respeitar ideias diferentes das suas. Nesse sentido, pode-se pensar que

<sup>1</sup> Comunicação recebida em palestra em julho de 2005 por Carl-Wilhelm Stenhammar

um sujeito tolerante é aquele que aceita as diferenças que cada sujeito aporta, não exigindo que os outros sejam, ajam ou pensem igual às suas atitudes e seus pensamentos. A partir dessa definição, associada ao pensamento freudiano, pode-se pensar que, para que sejamos sujeitos da cultura, é necessário que reconheçamos, primeiramente, a diferença.

Para a teoria psicanalítica, meninos e meninas, inicialmente, acreditariam possuir, todos eles, um mesmo sexo, isto é, ambos possuiriam um falo. Porém aos poucos a diferença entre os sexos vai sendo acentuada, até chegarem à conclusão de que alguns possuem o falo e outros não. O menino sente medo de perder o seu falo, pois acredita que as meninas o possuíam, porém lhes foi castrado; por outro lado, as meninas, por se sentirem castradas, se voltam justamente para aquele que é detentor do falo, ou seja, o pai, e se voltam contra a mãe, aquela que, assim como elas, também é castrada e que acabou por não lhe dar o que queriam e mereciam (FREUD, 1923/2011; FREUD, 1925/2011). Assim, o reconhecimento da diferença anatômica entre os sexos é o ponto de partida para que a criança possa ingressar no registro da alteridade, ou seja, o reconhecimento do outro.

Freud (1925/2011), no texto *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica dos sexos*, pontua que o reconhecimento da diferença avassala com a fantasia infantil de que todos possuem o falo, caindo por terra assim a fantasia de monismo fálico. A percepção da diferença é marcada pela dor e pelo esforço feito pela criança em não reconhecê-la, sendo que os meninos recusam, em um primeiro momento, a percepção de que as mulheres não possuem o falo, acreditando, no entanto,

que o pênis é pequeno e que um dia irá crescer (FREUD, 1925/2011). Entende-se, então, que reconhecer a diferença é algo trabalhoso e que custa ao sujeito aceitar. Nesse sentido, Reino e Endo (2012) afirmam “tudo se passa como se o reconhecimento da diferença se confundisse com o reconhecimento da castração. Pois se todos possuem o falo não só não há castração, como o próprio complexo não está dado” (p.17). A ausência do falo na mulher traz como consequência a projeção corporal narcísica, pois a diferença na anatomia feminina denuncia a impossibilidade de que se tenha uma projeção plena do próprio corpo e do outro, sendo que no caso da menina falta algo em seu corpo, e no caso do menino pode ser que se perca algo, assim “o reconhecimento da diferença sexual abala fortemente os contornos da imagem corporal – um dos nomes do narcisismo” (p.18).

O Eu é muito suscetível às diferenças, sendo ameaçado por tudo aquilo que difere dele, não se restringindo somente às diferenças sexuais. Como dito anteriormente, a diferença anatômica entre os sexos é dolorosa ao sujeito por ameaçar a integridade narcísica do eu e, assim como em diversas outras situações pelas quais o sujeito irá atravessar ao longo da vida, essa ameaça de modo geral parece se repetir. É como se “tudo que de mim difere me ameaça” (REINO; ENDO, 2012; p. 18). Nesse sentido, Freud (1921/2011) afirma que

nas antipatias e aversões não disfarçadas para com estranhos que se acham próximos, podemos reconhecer a expressão de um amor a si próprio, um narcisismo que se empenha na afirmação de si, e se comporta como se a ocorrência de um desvio em relação aos seus desenvolvimentos individuais

acarretasse uma crítica deles e uma exortação à modificá-los (p.57)

Dessa forma, a diferença que o outro carrega é percebida como uma afronta e é logo combatida pelo sujeito (REINO; ENDO, 2012).

O que é diferente de mim acaba por me ameaçar. É nesse contexto que Freud, no texto “O tabu da virgindade”, cunha o termo *narcisismo das pequenas diferenças*. Freud (1918/1969) se baseia nas ideias de Alfred Crawley sobre o tabu do isolamento pessoal para derivar este seu novo termo. Freud (1918/1969) diz que

Crawley, numa linguagem que difere apenas ligeiramente da terminologia habitual da psicanálise, afirma que cada indivíduo é separado dos demais por um ‘tabu de isolamento pessoal’ e que constitui precisamente as pequenas diferenças em pessoas que, quanto ao resto, são semelhantes, que formam a base dos sentimentos de estranheza e hostilidades entre eles. Seria tentador desenvolver essa idéia e derivar desse ‘narcisismo das pequenas diferenças’ a hostilidade que em cada relação humana observamos lutar vitoriosamente contra os sentimentos de companheirismo e sobrepujar o mandamento de que todos os homens devem amar ao seu próximo (p. 206)

O narcisismo das pequenas diferenças iria contra então ao mandamento cristão de *amar o próximo como a ti mesmo*, além de expor a hostilidade que se mostra sempre constante nos vínculos humanos e o apego exagerado às pequenas diferenças (REINO; ENDO, 2012). Nessa direção, Fuks (2007) assevera que a noção de narcisismo das pequenas diferenças está na base da constituição do eu, do nós e do outro,

tendo como função resguardar o narcisismo da unidade. Quando pensado em seu extremo, esse termo remete à questão da segregação e do racismo que acabam sendo expressões máximas de intolerância ao outro. Esse termo remeteria também ao sentimento de estranheza à diferença do outro, além de uma atitude agressiva por parte do sujeito frente a uma pequena diferença, a qual provocaria angústia (FUKS, 2007).

Em seu texto “Psicologia das massas e análise do eu”, Freud (1921/2011) retoma no capítulo seis a questão do narcisismo das pequenas diferenças, ao falar da pouca tolerância que um sujeito possui ao se aproximar de outro de forma muito íntima, e afirma que

conforme o testemunho da psicanálise, quase toda relação sentimental íntima e prolongada entre duas pessoas – matrimônio, amizade, o vínculo entre pais e filhos – contém um sedimento de afetos de aversão e hostilidade, que apenas devido à repressão não é percebido. Isso é mais frequente nas querelas entre sócios de uma firma, por exemplo, ou nas queixas de um subordinado contra o seu superior. O mesmo ocorre quando as pessoas se juntam em unidades maiores. Toda vez que duas famílias se unem por casamento, cada uma delas se acha melhor ou mais nobre que a outra. Havendo duas cidades vizinhas, cada uma se torna a maldosa concorrente da outra; cada pequenino cantão olha com desdém para o outro. Etnias bastante aparentadas se repelem, o alemão do sul não tolera o alemão do norte, o inglês diz cobras e lagartos do escocês, o espanhol despreza o português. Já não nos surpreende que diferenças maiores resultem numa aversão difícil de superar, como a do gaulês pelo germano, do

ariano pelo semita, do branco pelo homem de cor (p.56)

Freud (1921/2011), no entanto, diz não saber por que essa aversão e intolerância se ligam aos pormenores da diferenciação para poderem se expressar. Nesse sentido, Reino e Endo (2012) afirmam que, assim como o sonho se utiliza do resto diurno, a hostilidade se vale da pequena diferença.

Freud (1921/2011), neste mesmo capítulo, em uma nota de rodapé cita a seguinte parábola de Schopenhauer que

num dia de frio de inverno, um grupo de porcos-espinhos se aconchegou bastante, para se esquentarem mutuamente e não morrerem de frio. Contudo, logo sentiram os espinhos, uns dos outros, o que os fez novamente se afastarem. E quando a necessidade de aquecimento os aproximava de novo, repetia-se o segundo mal, de modo que eram impelidos de um sofrimento para o outro, até acharem uma distância média que lhes permitisse suportar o fato da melhor maneira (p.56).

Novamente, Freud (1921/2011) aponta implicitamente para a questão do convívio. Reino e Endo (2012) entendem que há dois impossíveis nessa parábola: o frio como uma impossibilidade de sobrevivermos sozinhos e o espinho como a impossibilidade de vivermos juntos, sendo que o homem (porco-espinho) vive entre essas duas impossibilidades: ou só e com frio ou com o outro e o seu espinho. O sozinho-separado aponta para uma distância ideal em que o sujeito possa se esquentar sem ter espinhos penetrados na sua pele.

Cabem, então, as perguntas: Essa distância ideal seria possível? Essa hostilidade inerente aos seres humanos

poderia ser suspensa? Freud afirma que sim. Freud (1921/2011) afirma que a intolerância desaparece de forma temporária ou de forma duradoura através da formação da massa e dentro dela. É na massa que há uma homogeneização possível para que as diferenças dos outros possam ser toleradas. Isso só seria possível por uma limitação do amor a si mesmo e um aumento pelas ligações libidinais, amor ao outro. O autor afirma que a tolerância ao outro não seria por uma questão de tentativa de tirar vantagem e sim “tal como no indivíduo, também no desenvolvimento da humanidade inteira é o amor que atua como fator cultural, no sentido de uma mudança do egoísmo em altruísmo” (p. 59). Ainda, Reino e Endo (2012) lembram que o narcisismo das pequenas diferenças acaba por não ser um fenômeno exclusivo de massa, por mais que Freud tenha privilegiado esse ponto em suas investigações.

O último texto freudiano em que é abordado o narcisismo das pequenas diferenças é o *Mal-estar na civilização*. Nesse texto, ao abordar sobre o mal-estar que aflige o homem, Freud (1930/2010) afirma que, além da renúncia da gratificação sexual, o homem precisa também renunciar à sua tendência à agressividade e, dessa forma, o autor assevera que

evidentemente não é fácil, para os homens, renunciar à gratificação de seu pendor à agressividade; não se sente bem ao fazê-lo. Não é de menosprezar a vantagem que tem um grupamento cultural menor, de permitir ao instinto um escape, através da hostilização dos que não pertencem a ele. Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade. Certa vez discuti o fenômeno de justamente comunidades vizinhas, e também

próximas em outros aspectos, andarem às turras e zombarem uma da outra, como os espanhóis e os portugueses, os alemães do norte e do sul, os ingleses e os escoceses, etc. Dei a isso o nome de ‘narcisismo das pequenas diferenças’, que não chega a contribuir muito para seu esclarecimento. Percebe-se nele uma incômoda e relativamente inócua satisfação da agressividade, através da qual é facilitada a coesão entre os membros da comunidade (p.80)

Assim, é possível uma satisfação relativamente adequada desta tendência à agressividade e que ao mesmo tempo acaba por fortalecer os laços intracomunitários (SAROLDI, 2011), sendo, por vezes, uma justificativa para o exercício da destrutividade (REINO E ENDO, 2012).

Após essa revisão do termo “narcisismo das pequenas diferenças” na obra freudiana, cabe refletir sobre outros pontos de investigação que privilegiam esse termo e de que maneiras pode-se perceber esse narcisismo suspenso. Propõe-se, então, entender o intercâmbio cultural como uma vivência que possibilita o enfraquecimento do narcisismo das pequenas diferenças e promovendo, dessa maneira, a tolerância frente ao novo, ao estrangeiro e ao diferente. Logo, não só a massa pode suspender a hostilidade entre as pessoas, porém também outras experiências e movimentos.



## Tolerância e Intercâmbio

Sebben (2007) pontua sobre o anúncio feito no início dos anos 30 pelo International Institute of Intellectual Cooperation que

os intercâmbios culturais têm sido vistos como um instrumento indispensável para a educação e desenvolvimento dos jovens. A escola que envia suas crianças ao exterior não está apenas oportunizando o aprendizado de um novo idioma, mas também o contato com outras civilizações. Isso fomenta novas amizades e contribui para o desenvolvimento da tolerância e entendimento entre os povos (p.31)

Isso demonstra que desde o princípio do intercâmbio cultural já se ressaltava a relação entre a experiência de jovens no exterior e a tolerância. O intercâmbio não se resume em uma viagem ao exterior. O jovem intercambista antes de tudo é um embaixador do seu país, tendo como dever representar seu país no país que o está acolhendo. Assim, é de sua responsabilidade difundir e divulgar a sua pátria, realizando palestras estruturadas sobre o seu país, concernindo a questões geográficas, políticas, religiosas e sociais, além de realizar apresentações culturais. Isso tem como intuito introduzir, para aqueles que nada ou pouco sabem sobre o seu país, um pouco mais, assim como desmistificar aspectos incrustados na história geral sobre sua pátria e complementar e aprofundar o conhecimento para aqueles que já conhecem seu país de origem. Desse modo, a divulgação do seu país por parte do intercambista efetua mudanças em diferentes caminhos: o intercambista, para divulgar sua pátria, passa a estudar e conhecer mais sobre a história do seu povo, aprende sobre o seu país de origem e oportuniza com

que as pessoas do país que o está recebendo conheçam mais sobre a sua pátria. O programa de intercâmbio possibilita com que o intercambista seja um divulgador e um multiplicador do conhecimento acerca do seu país, assim como, quando retorna do país hospedeiro, passa a ser um representante e multiplicador do país e das pessoas que o hospedaram.

O intercâmbio viabiliza também com que o intercambista conviva com outros jovens intercambistas de outros países que estão realizando intercâmbio pelo mesmo programa, e na mesma região que ele. Aquele jovem que está verdadeiramente aberto a novas experiências pode frequentar, por exemplo, a religião de sua família hospedeira, para saber como é, de que forma é semelhante ou diferente da sua própria religião. Em suma, o jovem intercambista é exposto a situações que lhe são verdadeiramente estrangeiras, isto é, que diferem daquilo que lhe é mais conhecido e comum, podendo desenvolver ou não, dessa forma, um senso de tolerância. O intercâmbio possibilita, na melhor das hipóteses, a construção de um sujeito tolerante que respeita as diferenças. Nesse sentido, podemos pensar sobre um hábito que a grande maioria dos intercambistas realiza que reflete o empenho e a abertura para o intercâmbio de culturas. Trata-se do momento em que, ao chegar na família anfitriã, o estudante de intercâmbio entrega presentes sobre o seu país para a família que o irá hospedar, em sinal de agradecimento e principalmente como um intercâmbio de culturas. Entende-se que, ao final de um intercâmbio, o jovem possa ser um verdadeiro cidadão do mundo. Nesse sentido, Sebben (2007) afirma que

ao aprender e aceitar a diferença, ao se sensibilizar com as minorias (por se sentir parte delas quando se

encontra sozinho no exterior), ao suplantando seus preconceitos e pudores e ao se dar conta da interdependência e da necessidade que temos uns dos outros, uma noção nova de realidade nasce nesse indivíduo. Uma noção de cidadania e responsabilidade social. (p. 40)

Referindo-se, novamente, à parábola de Schopenhauer sobre o frio e o espinho, pode-se observar que, quando no exterior, o jovem intercambista precisa se aproximar daqueles que o estão hospedando, para poder sobreviver longe de tudo o que lhe é mais familiar e para, também, se adaptar à nova cultura. Neste momento de adaptação que ocorre no início do intercâmbio, o jovem precisa encontrar uma distância ideal, pois o que lhe é diferente parece importuná-lo, isto é, os códigos sociais de seu país de origem podem não funcionar no país que o está recebendo, tendo, então, que encontrar novas formas de se relacionar e recursos para atribuir sentido aos novos códigos sociais que se apresentam. Entre o frio (perda temporária da língua materna e das figuras de referência) e o espinho (estranhamento e incômodo que os costumes dos outros lhe provocam), o jovem intercambista precisa encontrar uma distância ideal propulsora de tolerância e perceber, segundo Sebben (2007), que por mais que os sujeitos estejam separados uns dos outros pela nacionalidade, eles estão unidos por um lastro comum de solidariedade e ética.

### **Considerações finais**

O intuito deste artigo não é transformar e perceber o jovem intercambista como um jovem politicamente correto, pois isso acarretaria em um novo fundamentalismo, pois este jovem não toleraria então tudo aquilo que fugiria

ao que é politicamente correto e esperado pela sociedade. Pretendeu-se refletir sobre a possibilidade que uma experiência no exterior proporciona a jovens para que possam desenvolver a tolerância frente ao desconhecido e verdadeiramente estrangeiro.

Retomando a frase citada no início deste texto, “*Se todos os jovens fossem intercambistas um dia, não teríamos guerra*”, é possível afirmar que um jovem intercambista, ao sair de seu país aberto a novas experiências que podem diferir até mesmo radicalmente daquilo que lhe é mais estranho, pode desenvolver um senso de cidadania, ética, responsabilidade e tolerância que lhe garantirão o seu retorno à sua pátria com uma bagagem que lhe permitirá usufruir as experiências futuras de sua vida com respeito às diferenças que poderão se apresentar, tendo, então, ferramentas de enfrentamento frente ao desconhecido e ao não familiar.

Ao se perguntar sobre quanto tempo teremos que esperar até que os outros também se tornem pacifistas, Freud (1932/2010), ao escrever uma carta a Albert Einstein, afirma que

não há como dizer, mas pode não ser uma esperança utópica que a influência desses dois fatores, da atitude cultural e do justificado medo das consequências de uma guerra futura, venha a terminar com as guerras num tempo não muito distante. Por quais meios ou rodeios não chegamos a perceber. Enquanto isso, uma coisa podemos dizer: tudo o que promove a evolução cultural também trabalha com a guerra. (p.434)

Dessa forma, ressalta-se que não se trata de uma fórmula, isto é, que jovens que moraram no exterior sejam em sua totalidade pessoas tolerantes e que somente através de uma experiência no exterior é que seja possível termos uma

sociedade pacifista; mas é de se reconhecer que uma experiência de intercâmbio pode colaborar e muito para a tolerância e para uma atitude pacifista, trabalhando, assim, como afirma o criador da Psicanálise, Sigmund Freud, contra a guerra e todos os outros crimes bárbaros da história da humanidade, que com toda certeza são preferíveis em instalações como um museu, para que sirvam como memória para que, dessa forma, o passado não se repita.

#### Referências

- DOCKHORN, C. N. F. B.; MACEDO, M. M. K. A complexidade dos tempos atuais: reflexões psicanalíticas. **Revista Argumento Psicologia**, v.54 n.26, p.217-224, 2008.
- DOCKHORN, C. N. F. B. A psicanálise como instrumento de olhar os tempos atuais. Disponível em [http://www.sig.org.br/\\_files/artigos/apsicanalisecomoinstrumentodeolharsenostemposatuais](http://www.sig.org.br/_files/artigos/apsicanalisecomoinstrumentodeolharsenostemposatuais). Acesso em 18 de abril de 2012.
- FREUD, S. O tabu da virgindade In: STRACHEY, J. (Trad.). **Obras completas de Sigmund Freud**. São Paulo: Imago, 1918/1969. p. 197-215.
- \_\_\_\_\_. Psicologia das massas e análise do eu. In: SOUZA, P.C (Trad.). **Obras completas de Sigmund Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 1921/2011. p. 13-133.
- \_\_\_\_\_. In: SOUZA, P.C (Trad.). A organização genital infantil. **Obras completas de Sigmund Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 1923/2011. p. 168-175.
- \_\_\_\_\_. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica dos sexos. In: SOUZA, P.C (Trad.). **Obras completas de Sigmund Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 1925/2011. p. 283-299.
- \_\_\_\_\_. In: SOUZA, P.C (Trad.). O mal-estar na civilização. **Obras completas de Sigmund Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 1930/2010. p. 13-122.
- \_\_\_\_\_. In: SOUZA, P.C (Trad.). Por que a guerra? **Obras completas de Sigmund Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 1932/2010. p. 417-435.

FUKS, B. O pensamento freudiano sobre a intolerância. **Psicologia Clínica**, v.19, n.1, p. 59-73, 2007.

HOUSSAIS. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

MUSEO MEMORIA Y TOLERANCIA. **Misión**. Cidade do México, 2012. Disponível em

<http://www.memoriaytolerancia.org/mision.php>.

Acesso em 8 dez. 2012.

REINO, L.; ENDO, P. Três versões do narcisismo das pequenas diferenças. **Trivium**, v. 4, n.1, p. 16-27, 2012.

SEBBEN, A. **Intercâmbio cultural: um guia de educação intercultural para ser cidadão do mundo**. Porto Alegre: Artes & Ofício, 2007.

SAROLDI, N. **Mal estar na civilização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

*Recebido em 2012-12-20*

*Publicado em 2013-06-11*